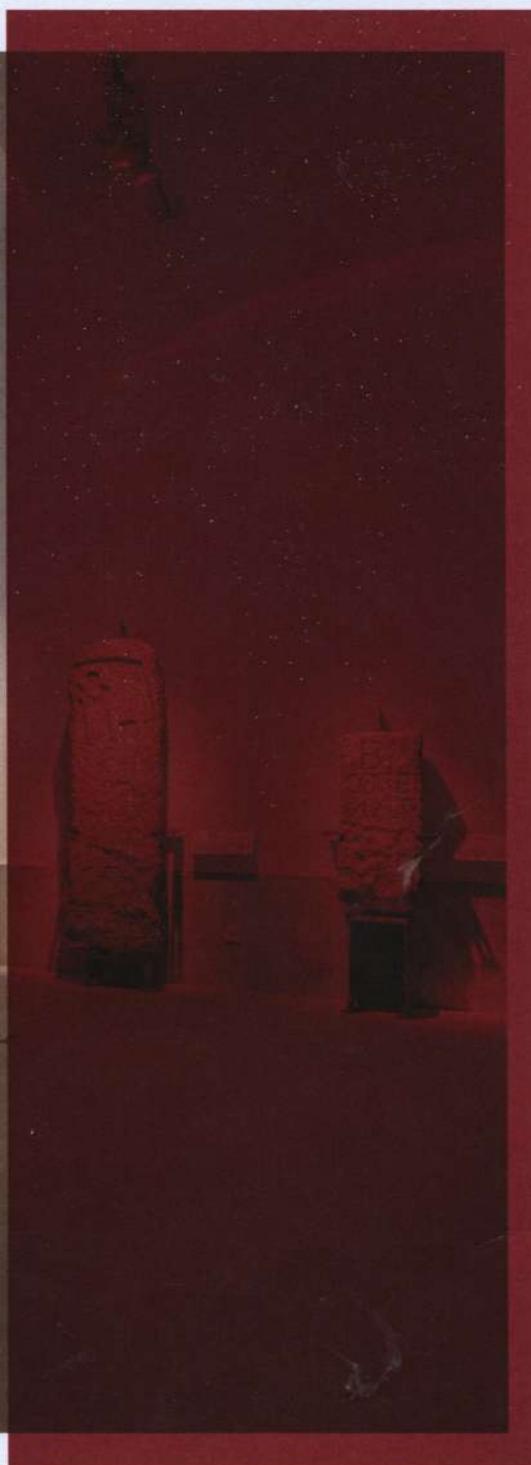




# ZEUS

Museus. Cultura. Património. JUN 04 2023



## Museu Nacional Soares dos Reis

Uma nova vida para um  
Museu centenário

## ICOM Portugal

Desafios para o novo Triénio

## Museu de Sesimbra

Um Museu ao serviço  
de Comunidade

## Prémios APOM 2023

A grande celebração dos Museus  
e dos seus profissionais

## Museu de Penafiel

Um percurso de 75 anos  
com a Comunidade



38



04



56



20



72



48

Museu do Trajo  
São Brás de Alportel  
Centro de  
Documentação

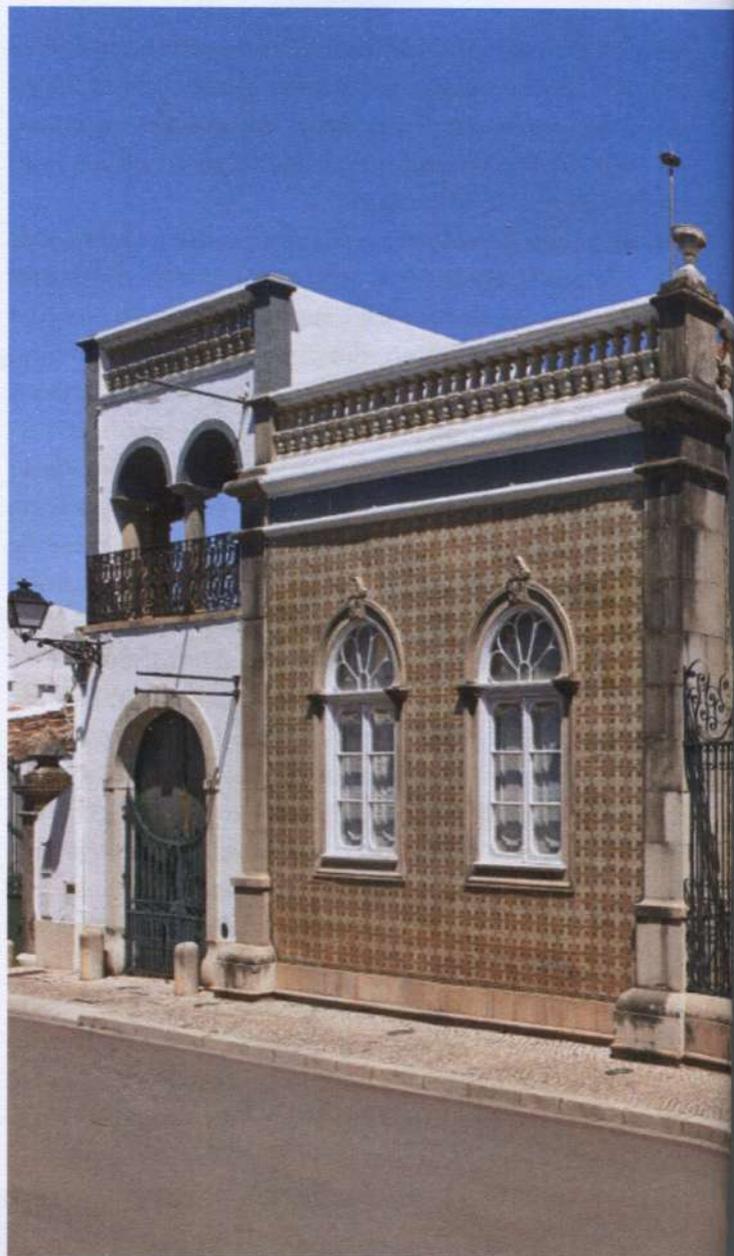
# ÍNDICE

- 04** **ICOM Portugal**  
Uma estratégia de continuidade em benefício dos Museus e dos seus profissionais
- 20** **Museu das Marionetas do Porto**  
Objetos que ganham vida num Museu de autor
- 38** **É urgente permanecer | Bárbara Campos Maia**  
Reserva, Conservação e Restauro no Museu Benfica
- 48** **Museu do Traje de São Brás de Alportel**  
Um Museu aberto à participação individual e coletiva
- 56** **Museu do Linho e do Mundo Rural**  
Artesanato e tradições rurais do coração do Alto Minho
- 62** **Mestrado em Museologia na FLUP**  
A arte de imaginar outros futuros para os museus
- 68** **Pendente devocional | Susana Medina**  
O poder de conexão dos objetos
- 72** **Gosto de muZEUS porque | João Ribeiro**  
Impressões sobre o Núcleo Museológico de Arte Islâmica de Mértola

MTSBA

## Museu do Traje de São Brás de Alportel

Um museu  
de vizinhança



Assim é o Museu do Traje de São Brás de Alportel, um espaço que é uma segunda casa para quem vive no concelho, um espaço onde todos encontram um recanto para criar, viver e partilhar, um espaço de liberdade consciente que se projeta no futuro.

"Só em liberdade os museus podem ser verdadeiros instrumentos de transformação. São espaços que ajudam a construir o futuro, por instigarem à existência de um forte movimento de cidadania", referiu Emanuel Sancho, diretor do Museu do Traje de São Brás de Alportel.



**Como e quando é que surgiu a ideia da criação deste Museu?**

Surgiu nos anos 80, numa altura em que passa por São Brás de Alportel um padre católico, colecionador, que começa a juntar objetos. Em determinada altura, já não havia lugar na Igreja, nem na Casa Paroquial. Fez um protocolo com a Santa Casa da Misericórdia e os objetos foram instalados num velho casarão apalaçado, com valor emocional para a população local. O espaço estava em ruínas, mas foram feitas obras e hoje o Museu ocupa as 23 divisões do edifício. Foi um crescimento imparável e creio que atualmente as coisas estabilizaram em termos físicos.

**Essa ligação à Santa Casa da Misericórdia continua a acontecer. Entende que ela é uma alavanca ou poderá ser castradora do crescimento e do desenvolvimento do Museu? Como é que esse relacionamento se processa?**

Em tudo na vida há vantagens e desvantagens. Prefiro falar das vantagens, em primeiro lugar. A grande vantagem é a liberdade de que sempre usufruímos na nossa ação cultural, no nosso desenvolvimento e, praticamente, na ausência de interferências. Não havia questões políticas e a Misericórdia cada vez se orgulhava mais do seu Museu, financiando parte das despesas. E é assim que o Museu chega aos nossos dias com características muito próprias, com modelos de gestão muito diferentes, contando com a visita de estrangeiros que vêm de diferentes países, desde a Amé-

rica do Sul até à Rússia. Pessoas que vêm curiosas de conhecer o que aqui se faz. Mas, claro que há altos e baixos nesse ambiente de liberdade.

**Referiu que estão inseridos num palacete. Este edifício, sendo parte da história deste Museu, desperta a atenção dos visitantes?**

O palacete é muito interessante porque nasceu no período áureo que esta terra viveu, no final do século XIX. São Brás era um centro corticeiro, com grande importância económica. Este edifício acompanhou os altos e baixos desta terra. As suas exposições refletem a vivência da casa e a evolução do próprio território.

**O Museu identifica-se como um museu do traje. Como é que um museu com estas características pode suscitar a curiosidade dos visitantes?**

Somos um espaço cheio de contradições. Porque é que no interior do Algarve, numa zona rural, numa pequena vila, se criou um museu de especialidade, um museu dedicado ao traje? O nosso fundador era filho de alfaiate e por onde andou, na sua atividade religiosa, demonstrou sempre grande interesse pelos têxteis, recolhendo várias peças. Em São Brás de Alportel não temos especialistas em indumentária, de trajes históricos, nem temos grande tradição nessa área. Mas usamos o traje para comunicar a identidade e a história local.

**Para além do traje, têm também exposições de cortiças, do mundo agrícola que, de alguma forma, acabam por documentar essa vida rural. Como é que funciona esta 'engrenagem do tempo' nestas diferentes vertentes entre o Museu e os visitantes?**

O Museu tem um edifício principal, onde habitava a família, anexos e um jardim, numa estrutura que era característica desta região. Na casa, temos o Museu do Traje, com uma abrangência regional, que procura retratar o Algarve. Nos anexos, nomeadamente nas casas agrícolas, temos uma abordagem mais local.

**O turismo no Algarve sempre foi muito direcionado para o mar e para sol. Como é que um Museu como este se enquadra nessa política?**

Estamos no interior do Algarve, por isso, pouco temos a ver com esse conceito. Ou seja, apanhamos uma curta franja de público, apenas aqueles mais curiosos que não se contentam apenas com a praia e querem conhecer o interior da região. Mas é uma franja curta de

turistas. Por esse motivo, o Museu tem vindo a explorar a possibilidade de captar as populações locais. Surgiu, assim, esse conceito de Museu de vizinhança, de proximidade com a sua comunidade. Esse é um dos traços mais importantes do nosso Museu. E essa dimensão é visível na forma como o Museu é utilizado diariamente pela população para suprir as suas necessidades, sejam culturais ou recreativas. O Museu é, fundamentalmente, um museu que se move para a sua comunidade e ela contribui para esta instituição de forma intensiva. O Museu tem uma área de cerca de 5000 m<sup>2</sup> entre jardim e espaços edificados, e apenas dois funcionários. Contamos com o apoio e colaboração de equipas de voluntários responsáveis, quase profissionalizados, que desempenham funções muito importantes na gestão e nas várias funções museológicas do Museu, nomeadamente no inventário e na conservação. São pessoas que dedicam dias a desenvolver atividades nas diferentes áreas. Temos, por exemplo, voluntários que foram profissionais de museus e que desempenham funções muito específicas. Muitos deles são estrangeiros. Importa reconhecer que, em São Brás de Alportel, cerca de 20% da população é estrangeira. Quando digo que este é um Museu com traços muito especiais, um pouco diferente do habitual, é mesmo assim. Curiosamente, muitas das nossas reuniões internas são em língua inglesa.

**Isso é uma mais-valia bastante importante?**

Sem dúvida. Temos casos de pessoas que mudaram de casa, de outras regiões do Algarve, para poderem acompanhar a vivência do Museu de forma mais próxima. O Museu passou a fazer parte do seu quotidiano. Tornou-se quase uma segunda casa.

**Os amigos do Museu são também um núcleo de pessoas que dedicam parte da sua atividade a esta instituição?**

A Associação dos Amigos do Museu também se encaixa nessa mais-valia que referia. São pessoas que dedicam parte do seu tempo e conhecimentos ao Museu. Os Amigos do Museu são uma parte muito relevante. Num museu dito "normal" há uma luta por mais espaço. A nossa realidade é um pouco diferente: nos primeiros tempos, o espaço era demasiado. A Associação dos Amigos do Museu existe há cerca de 20 anos e com eles partilhamos alguns desses espaços, nomeadamente as galerias, os auditórios e as salas de formação, geridos por eles.

Podemos dizer que existe uma tentativa de horizontalização das relações. Não existe uma organização piramidal, mas um conjunto de entidades, com a sua organização interna, e que trabalha para o mesmo fim.

**Como é que o Museu se encontra dividido? As peças estão catalogadas, conseguem identificar qual a quantidade de espólio que pode ser visitado no Museu?**

O acervo do Museu é constituído por cerca de 25 mil peças. Temos a sorte de ter um edifício construído em 2006 e que reúne as características ideais para as nossas reservas museológicas. Neste contexto, o grupo de inventário reúne uma vez por semana e desenvolve a sua atividade ao nível dos têxteis. Os turistas não procuram conhecer esta dimensão, mas somos muito procurados por especialistas, universitários e investigadores que podem aceder a essas áreas sempre que houver interesse.

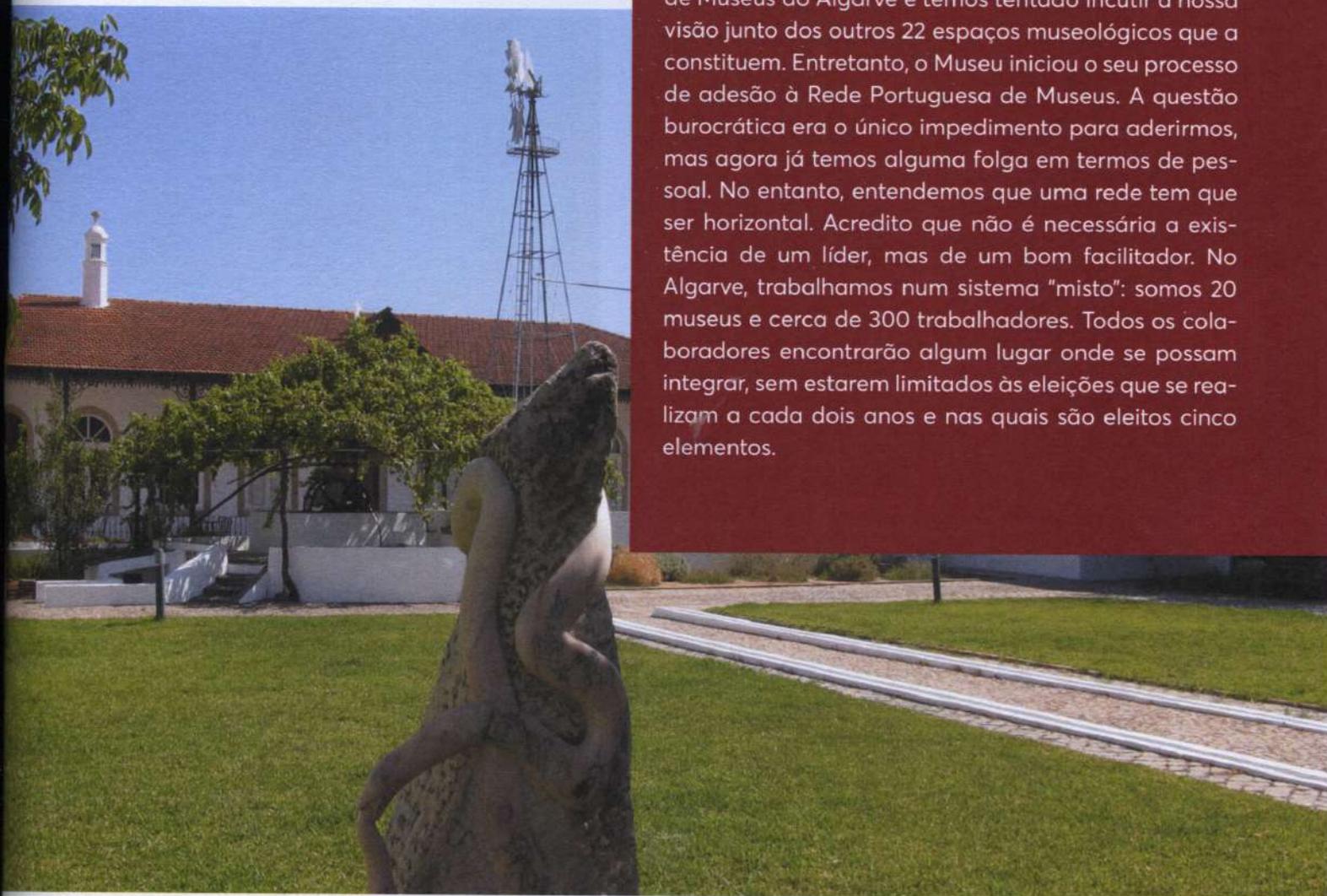
## Espaço para o efémero

**Se lhe pedisse para escolher a sua peça no Museu, qual seria?**

A peça que poderia selecionar é uma peça efémera: o mural grafiti da primeira exposição. Numa outra altura, se calhar escolheria outra, mas esta é uma peça especial, porque foi feita por um grupo de jovens da região que fez uma reflexão muito interessante sobre a passagem do tempo e sobre o efémero. As engrenagens do tempo são, de facto, muito caprichosas e o que conquistamos facilmente perdemos. A liberdade no nosso Museu tem também passado por momentos difíceis.

**O Museu de São Brás de Alportel é um exemplo de como o museu pode trabalhar em rede com a Comunidade. O Museu faz parte de uma rede informal, que é a Rede de Museus do Algarve, mas, por exemplo, não faz parte da Rede Portuguesa de Museus. Porquê?**

Este é um Museu muito informal que está na base dessa escala de redes. Temos sido muito ativos na Rede de Museus do Algarve e temos tentado incutir a nossa visão junto dos outros 22 espaços museológicos que a constituem. Entretanto, o Museu iniciou o seu processo de adesão à Rede Portuguesa de Museus. A questão burocrática era o único impedimento para aderirmos, mas agora já temos alguma folga em termos de pessoal. No entanto, entendemos que uma rede tem que ser horizontal. Acredito que não é necessária a existência de um líder, mas de um bom facilitador. No Algarve, trabalhamos num sistema "misto": somos 20 museus e cerca de 300 trabalhadores. Todos os colaboradores encontrarão algum lugar onde se possam integrar, sem estarem limitados às eleições que se realizam a cada dois anos e nas quais são eleitos cinco elementos.



## O Museu do avesso

Mesmo assim, por vezes abrem ao público esse 'lado oculto' do Museu. Que sensação é que retêm depois dessas visitas?

Abrimos a nossa Reserva sempre que nos é pedido, sem dúvida, mas temos um dia por semana - a última sexta-feira de cada mês - dedicada aquilo a que nós chamamos o 'Museu do avesso'. Nessa altura, fazemos uma visita que passa, não só pelas exposições, mas que também permite visitar todos os "cantos" do Museu. Nos últimos três anos, temos vindo a criar as condições ideais de visita às Reservas. Quando as pessoas fazem esta visita invulgar, dizemos-lhes que vamos entrar num lugar muito especial e isso faz com que as pessoas também se sintam especiais.

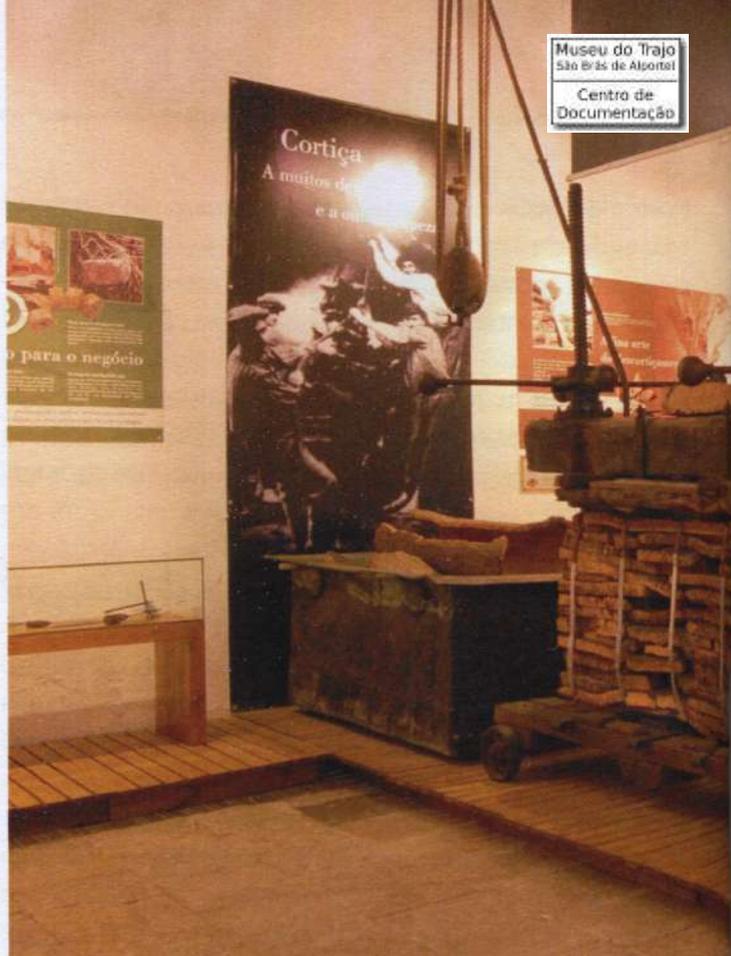
No site do Museu, é dito que se pretende "surpreender o visitante e obrigá-lo a interrogar-se". O público está disposto a aceitar esse desafio?

Usamos frequentemente essa expressão e também outra que diz: "Só em liberdade os museus podem ser verdadeiros instrumentos de transformação". Acreditamos que os museus ajudam a construir o futuro, principalmente pela instigação do sentimento de cidadania que incutem no visitante, fazendo-o pensar e interrogar-se, por forma a que se esvaia essa essa passividade. Em Portugal, necessitamos de mais museus de liberdade, porque muitos museus têm uma tutela rígida. É por isso que valorizamos tanto a liberdade que temos usufruído ao longo da nossa existência. O nosso caminho é esse: ser um Museu cada vez mais provocador e que leve as pessoas a interrogarem-se.

“

Só em liberdade os museus podem ser verdadeiros instrumentos de transformação.

”





## O futuro escreve-se com rebeldia

Conciliar o aspeto mais conservador dos museus com a arte contemporânea, nomeadamente a introdução de grafitis é um caminho que estão a trilhar. Quais são os resultados?

Temos tido grandes satisfações, mas também alguns desapontamentos com essa ligação, mas sentimos que é um caminho de futuro, onde existe alguma rebeldia.

É fácil processar essa relação entre os objetos do passado com esses objetos mais contemporâneos? Como é que faz essa ligação com quem está do lado de fora? Os museus têm que ser pequenos laboratórios. Podemos fazer experiências, nomeadamente na área social, mas depois devem expandir-se à sociedade. No entanto, há algumas dificuldades. Dou-lhe um exemplo prático: na atual exposição 'Engrenagens do tempo', abrimos com um grande mural de grafite, e fechamos com uma sala dedicada à arte contemporânea, designada "Sala Projeto". A ideia era ter a participação de artistas contemporâneos, uma experiência renovada a cada dois meses, com jovens que trouxessem, através da sua arte, as problemáticas abordadas ao longo da exposição, nomeadamente a Primeira Guerra Mundial, a situação da mulher, entre outros. A experiência foi boa, mas limitada nos seus resultados. Os artistas tinham os seus projetos pessoais e nem sempre estavam motivados para mudar.

Tivemos, também, experiências muito bem sucedidas. Lembro-me de um artista que fez uma ligação entre a violência da Primeira Guerra Mundial e a questão da Síria e dos refugiados que atravessam o Mediterrâneo. O artista descobriu que, nos anos 30, alguns algarvios fugiram clandestinamente para a costa de Marrocos, tendo muitos perdido a vida nessa travessia.

Esta foi uma experiência muito interessante e que valorizou o trabalho que temos vindo a desenvolver no sentido de trazer os museus para os problemas do quotidiano.

## Preconceito em exposição

**Que critérios é que estão subjacentes à escolha das exposições temporárias?**

São exposições alargadas, chegam a durar entre quatro a seis meses, mas temos outros espaços com exposições mais frequentes. Temos critérios diferenciadores. Nos últimos 12 anos, fizemos três exposições ligadas a ciclos e a cronologias: em 2008, abrangemos o centenário das invasões francesas, com uma exposição sobre o início do século XIX; a seguir, uma outra sobre o vestuário romântico; finalmente, uma outra dedicada às primeiras décadas do século XX. Neste momento, está a ser debatida a próxima exposição que irá alterar esta lógica e tratar do preconceito.

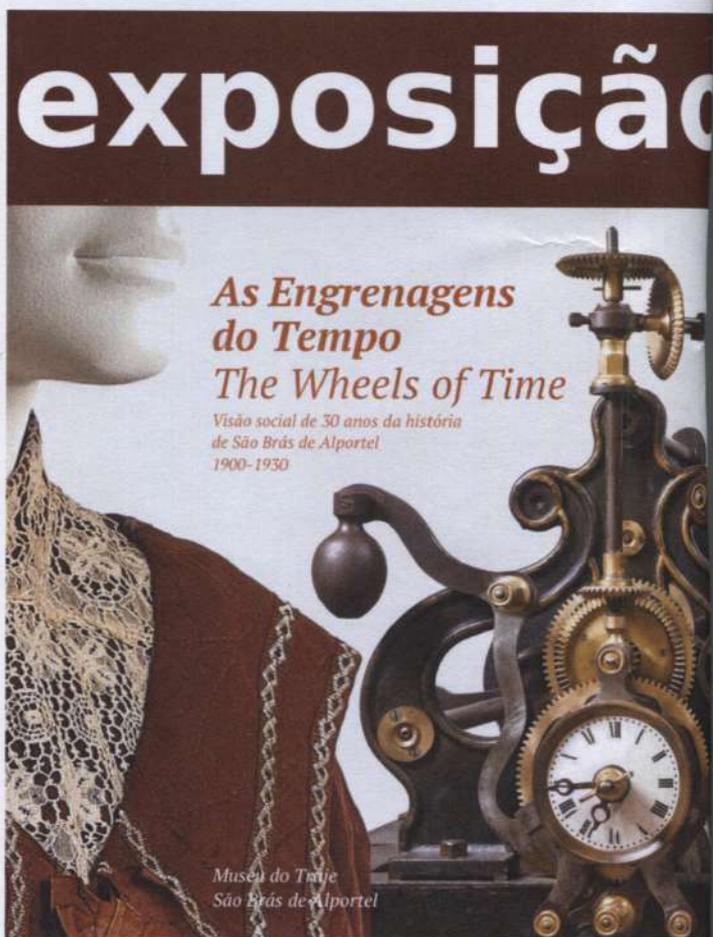
**Preconceito deverá ser o tema da próxima exposição. É um termo que está na ordem do dia. Como é que surgiu essa escolha? São Brás de Alportel padece deste problema?**

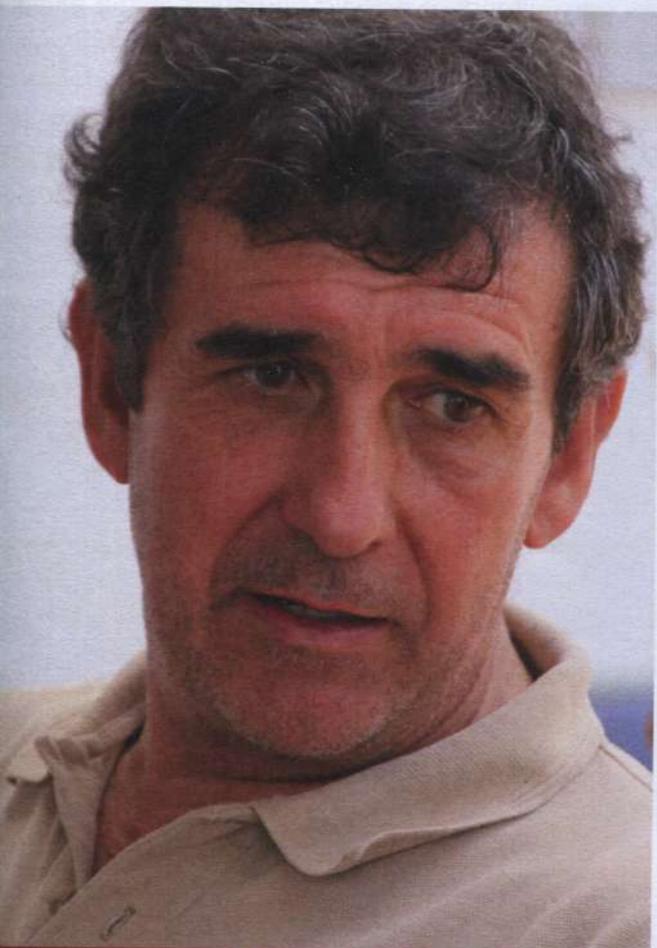
Talvez o preconceito seja inerente ao ser humano. Influenciados pelos 17 ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) da ONU, que julgamos ser um instrumento inspirador, estamos a identificar algumas áreas que gostaríamos de tratar, sendo que uma delas é a comunidade cigana. Em São Brás de Alportel temos uma agricultura ligada à alfarroba e é comum atribuir aos ciganos o roubo das alfarrobas. Isso levou-nos a refletir e a concluir que esses roubos acontecem não só pelos ciganos, mas também por outros elementos da comunidade. Daí considerarmos que este é um tema pertinente para ser abordado numa exposição. Um museu, através das suas posições, pode ser um canal de comunicação e influenciar a comunidade e os visitantes.

## Uma educação que acontece de forma natural

**Há, contudo, uma distinção entre o turista e o habitante que vai ao Museu?**

Distinguimos entre o turista e o utilizador. Em termos estatísticos, por cada visitante turista, temos sete utilizadores. Há uma relação com alguma distância em relação ao turista, o qual não sabemos se voltará. Já com o utilizador do espaço museológico, tentamos aprofundar essa relação com a comunidade, com os vizinhos da rua em frente. Estamos a falar do residente em São Brás de Alportel ou nos concelhos mais próximos. Muitas vezes são pessoas que nunca tinham visitado o Museu e que são desafiadas, acabando por aderir a algum dos Grupos por se identificarem com a atividade.





## Associação Portuguesa de Museologia

Em termos pessoais, foi distinguido como «Museólogo do ano», pela Associação Portuguesa de Museologia, no âmbito dos Prémios APOM 2021. Como recebeu esse prémio e o posterior voto de louvor do Município?

Liderar é algo que se ganha com o espírito de iniciativa e participação. Estas são as duas palavras-chave. Quem chega ao leme não o conquistou. Conquista-se com voluntarismo e espírito de iniciativa. No Museu somos apenas facilitadores das iniciativas. É aquilo a que chamamos "trabalho em rede", com respeito pelas iniciativas das pessoas e a sua necessidade de participar. Isso associado à ideia de liberdade são, na minha leitura, as razões para o reconhecimento de "Museólogo do Ano".

## Prémio APOM

A APOM distinguiu o museu na categoria de "Projeto de Educação e Mediação Cultural". Qual o significado desta atribuição?

O prémio foi atribuído pelo trabalho dos Amigos do Museu. Os Amigos do Museu têm uma gestão horizontal, com uma direção que não funciona de forma hierárquica, e gere 36 grupos temáticos distintos que tratam uma variedade muito alargada de temas. A comunidade associa-se a este Grupo na medida dos seus interesses.

O Museu tem como princípio nunca recusar propostas que lhe são dirigidas, havendo sempre disponibilidade para novas atividades. Estes Grupos surgem espontaneamente, mas também deixam de funcionar de um momento para o outro. Por exemplo, está a ser criado um núcleo dedicado ao *al andaluz* que pretende dinamizar atividades relacionadas com a herança da cultura árabe.

Unir, fazer as pessoas saírem de casa e promover a convivência são dinâmicas que o Museu pretende promover. Queremos que o Museu seja uma estrutura base de funcionamento desta região e que integre, efetivamente, esse círculo restrito de entidades que fazem esta terra mexer.